

EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA EM PERSPECTIVA GLOBAL: PRINCIPAIS ASPECTOS DE IMPLEMENTAÇÃO.

Rafaela Lucarelli Lavorato – d2025101268@unifei.edu.br
Sablina Prado de Assis Silva Vargas - d2025101150@unifei.edu.br
Elzo Alves Aranha - eaaranha@unifei.edu.br

Palavras-chave: competências empreendedoras; inovação; educação empreendedora.

1. INTRODUÇÃO

A educação empreendedora tem se afirmado como uma estratégia formativa essencial diante das transformações econômicas, sociais e tecnológicas do século XXI. Indo além de preparar indivíduos para a criação de negócios. (World Economic Forum, 2009).

Em diversos contextos internacionais, políticas públicas e iniciativas institucionais têm promovido a inserção da educação empreendedora nos sistemas educacionais.

Nos Estados Unidos, o relatório do Department of Commerce (2013) destaca o papel estratégico das universidades na articulação entre ensino, pesquisa e inovação, evidenciando sua contribuição para o fortalecimento de ecossistemas empreendedores por meio da transferência de tecnologia e da criação de startups.

No Brasil, o modelo EDLE - Entrepreneurial Dynamic Learning (Aprendizagem Dinâmica Empreendedora) demonstra que a aplicação de metodologias ativas e o estímulo à autonomia dos estudantes favorecem o desenvolvimento de competências empreendedoras, mesmo em cursos tradicionalmente técnicos, como os de engenharia (Aranha; Santos; Garcia, 2018).

Apesar dos avanços observados, persistem desafios significativos relacionados à implementação de práticas, à formação docente e à adaptação das propostas pedagógicas às realidades locais, especialmente em países com estruturas educacionais desiguais. Nesse cenário, torna-se urgente investigar como diferentes contextos têm concebido e

implementado a educação empreendedora, identificando suas contribuições teóricas, limitações práticas e potencial transformador.

O presente artigo pretende responder a seguinte questão básica: Quais são os principais aspectos na implementação da educação empreendedora, considerando as abordagens pedagógicas inovadoras? Diante dessa problemática, este artigo tem como tema a educação empreendedora em perspectiva global, propondo uma análise crítica sobre sua concepção, aplicação e desenvolvimento em contextos internacionais e nacionais. A investigação contempla políticas públicas, práticas pedagógicas, desafios de implantação, modelos institucionais e referenciais teóricos que sustentam sua implementação.

A partir da questão básica, o objetivo do artigo é investigar os principais aspectos na implementação da educação empreendedora, com ênfase nas experiências institucionais e nas abordagens pedagógicas inovadoras. Especificamente, busca-se: Analisar os principais aspectos enfrentados na implementação de práticas empreendedoras em ambientes educacionais;

A relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar o debate sobre a articulação entre educação, inovação e desenvolvimento, especialmente em um cenário marcado por incertezas, mudanças aceleradas e crescente demanda por soluções criativas e colaborativas.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Referencial Teórico

O referencial teórico reúne fundamentos que explicam a educação empreendedora como campo estratégico e em expansão, articulando políticas públicas, abordagens institucionais e modelos analíticos. Evidencia sua evolução conceitual, relação com inovação, sustentabilidade e transformação social, além dos desafios para consolidar práticas eficazes em distintos contextos educacionais.

A educação empreendedora tem se consolidado como um campo estratégico para o desenvolvimento econômico, social e institucional em diferentes contextos globais. Mais do que preparar indivíduos para a criação de novos negócios, ela busca desenvolver

competências como criatividade, liderança, resiliência e capacidade de transformação social, configurando-se como um processo formativo contínuo e interdisciplinar (World Economic Forum, 2009).

Nos Estados Unidos, a cooperação entre universidade, governo e empresas fortalecem ecossistemas de inovação e amplia o impacto econômico e social das instituições de ensino superior, especialmente por meio da transferência de tecnologia e da criação de startups (Usa Department of Commerce, 2013).

Na Europa, a educação empreendedora é reconhecida como base para o desenvolvimento sustentável. O Entrepreneurship 2020 Action Plan defende a inserção sistemática de competências empreendedoras desde a educação básica, ao mesmo tempo em que busca remover barreiras institucionais e apoiar a sobrevivência de novos negócios (European Commission, 2013).

Nessa perspectiva, o relatório do Seecel (2015) apresenta um panorama das políticas educacionais no continente, destacando a heterogeneidade das práticas e os desafios relacionados à padronização, à avaliação de impacto e à formação docente.

Além das iniciativas institucionais, a literatura acadêmica contribui com abordagens mais críticas e aprofundadas. Tracey, Phillips e Jarvis (2011) propõem um modelo multinível que evidencia os mecanismos de criação e legitimação de novas formas organizacionais, ampliando a compreensão do empreendedorismo para além de uma dimensão estritamente econômica.

Fayolle e Gailly (2015), utilizando a Teoria do Comportamento Planejado, demonstram que programas educacionais geram efeitos persistentes sobre a intenção de empreender, mesmo após a conclusão dos cursos. Isso reforça o caráter duradouro e transformador da formação empreendedora.

No contexto brasileiro, a experiência da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), conduzida por Aranha, Santos e Garcia (2018), destacam a relevância da integração entre metodologias ativas de aprendizagem, design thinking e a taxonomia de Bloom. O modelo EDLE exemplifica como práticas pedagógicas inovadoras podem articular teoria e prática, promovendo não apenas a capacidade técnica, mas também a criatividade e a liderança de estudantes em ambientes complexos.

O desafio atual consiste em desenvolver modelos que não se restrinjam à criação de negócios, mas que ampliem o impacto da educação empreendedora para mudanças institucionais e sociais, preparando profissionais capazes de atuar em ambientes de incerteza e contribuir para o desenvolvimento sustentável.

2.2 Metodologia

Este estudo adotou a revisão integrativa como método de investigação, conforme proposta por Souza, Silva e Carvalho (2010), por permitir a síntese crítica de produções científicas com diferentes delineamentos e perspectivas teóricas. Essa abordagem visa construir um panorama abrangente da educação empreendedora, possibilitando identificar avanços, lacunas e tendências que orientam o campo.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

A revisão evidenciou que a educação empreendedora tem sido consolidada mundialmente como um eixo estratégico para o desenvolvimento econômico e social. Nos Estados Unidos, prevalecem modelos institucionais voltados à inovação tecnológica e à criação de startups, com destaque para o papel das universidades como agentes de transformação (USA Department of Commerce, 2013). Já na Europa, observa-se a incorporação da educação empreendedora como política pública estruturante, promovendo sua inserção desde a educação básica (European Commission, 2013; SEECCEL, 2015).

Os resultados também apontam que a integração entre universidade, governo e setor produtivo constitui um fator determinante para o fortalecimento dos ecossistemas de inovação. Essa articulação, descrita nos modelos de Triple Helix, viabiliza o desenvolvimento de competências empreendedoras que extrapolam o âmbito econômico, alcançando dimensões sociais e sustentáveis.

No contexto brasileiro, experiências como o modelo EDLE (Aranha, Santos e Garcia, 2018) demonstram que metodologias ativas como o design thinking e a aprendizagem baseada em projetos favorecem a autonomia dos estudantes e o desenvolvimento de competências criativas, críticas e colaborativas. Contudo, persistem desafios relacionados à formação docente, à falta de padronização metodológica e à adaptação às realidades locais.

De modo geral, a literatura apresenta convergência em torno de três eixos centrais:

- A educação empreendedora como processo transversal e contínuo;
- A importância da cooperação entre instituições, empresas e sociedade; e
- A necessidade de contextualizar práticas pedagógicas, conciliando inovação tecnológica com inclusão social.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada demonstra resultados inovadores e com implicações práticas, confirmando que a educação empreendedora representa um instrumento relevante de transformação individual e institucional. Sua efetividade depende da capacidade de articular teoria, prática e contexto, promovendo aprendizagens significativas e socialmente comprometidas.

Constata-se que, embora o campo tenha avançado substancialmente em termos teóricos e políticos, ainda há lacunas no acompanhamento de resultados e na consolidação de metodologias adaptadas às especificidades culturais e regionais.

Como perspectivas futuras, recomenda-se:

- aprofundar estudos empíricos comparativos entre diferentes países;
- investir na formação docente voltada à inovação e ao empreendedorismo; e
- estimular políticas públicas que reconheçam o papel da educação empreendedora na construção de sociedades mais criativas, inclusivas e sustentáveis.

Assim, a educação empreendedora, em sua dimensão global, reafirma-se não apenas como uma ferramenta de geração de negócios, mas como uma prática educativa transformadora, capaz de formar cidadãos críticos e inovadores.

5. AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG) pelo apoio institucional e à Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI) pelo incentivo à pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, E. A.; SANTOS, P. H.; GARCIA, N. A. P. EDLE: an integrated tool to foster entrepreneurial skills development in engineering education. *Educational Technology Research and Development*, v. 66, p. 1571–1599, 2018.

DOI: <https://doi.org/10.1007/s11423-018-9624-8>

EUROPEAN COMMISSION. Entrepreneurship 2020 Action Plan: Reigniting the entrepreneurial spirit in Europe. Brussels: European Commission, 2013. 24 p.

FAYOLLE, A.; GAILLY, B. The impact of entrepreneurship education on entrepreneurial attitudes and intention: hysteresis and persistence. *Journal of Small Business Management*, v. 53, n. 1, p. 75-93, 2015.

SEECCEL. Entrepreneurship Education in European Union: an overview of policies and practice. Zagreb: SEECCEL, 2015. 66 p.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Revista Einstein (São Paulo)*, v. 8, n. 1 Pt 1, p. 102–106, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 22. set.2025

TRACEY, P.; PHILLIPS, N.; JARVIS, O. Bridging institutional entrepreneurship and the creation of new organizational forms: a multilevel model. *Organization Science*, v. 22, n. 1, p. 60-80, 2011.

USA DEPARTMENT OF COMMERCE. The innovative and entrepreneurial university: higher education, innovation & entrepreneurship in focus. Washington, DC: U.S. Department of Commerce, 2013. 56 p.

WORLD ECONOMIC FORUM. Educating the next wave of entrepreneurs: unlocking entrepreneurial capabilities to meet the global challenges of the 21st century. Geneva: World Economic Forum, 2009. 520 p.